



# **ITABAIANINHA – SE**

**PREFEITURA MUNICIPAL DE ITABAIANINHA -  
SERGIPE - SE**

**Professor Pedagogia**

**EDITAL N.º 001/2024**

**CÓD: OP-137DZ-24  
7908403566778**

## ***Língua Portuguesa***

1. Compreensão e interpretação de texto .....	9
2. Tipologia e gêneros textuais .....	9
3. Figuras de linguagem .....	10
4. Relações de sinonímia e de antonímia; Significação de palavras e expressões .....	14
5. Ortografia .....	14
6. Acentuação gráfica .....	17
7. Uso da crase .....	18
8. Fonética e Fonologia: som e fonema, encontros vocálicos e consonantais, e dígrafos .....	18
9. Morfologia: classes de palavras variáveis e invariáveis, e seus empregos no texto; Locuções verbais (perífrases verbais) .....	20
10. Funções do “que” e do “se” .....	28
11. Formação de palavras .....	30
12. Elementos de comunicação .....	31
13. Sintaxe: relações sintático-semânticas estabelecidas entre orações, períodos ou parágrafos (período simples e período composto por coordenação e subordinação) .....	34
14. Concordância verbal e nominal .....	36
15. Regência verbal e nominal .....	38
16. Colocação pronominal .....	38
17. Emprego dos sinais de pontuação e sua função no texto .....	40
18. Elementos de coesão .....	41
19. Função textual dos vocábulos .....	42
20. Variação linguística .....	43

## ***Noções de Informática***

1. Conceitos e fundamentos básicos .....	53
2. Conhecimento e utilização dos principais softwares utilitários (compactadores de arquivos, chat, clientes de e-mails, reprodutores de vídeo, visualizadores de imagem, antivírus) .....	54
3. Conceitos básicos de Hardware (Placa mãe, memórias, processadores (CPU); Periféricos de computadores .....	54
4. Ambientes operacionais: utilização básica dos sistemas operacionais Windows 10 e 11 .....	55
5. Utilização de ferramentas de texto, planilha e apresentação do pacote Microsoft Office (Word, Excel e PowerPoint) - versões 2013, 2016 e 365 .....	61
6. Utilização de ferramentas de texto, planilha e apresentação do pacote LibreOffice (Writer, Calc e Impress) - versões 6 e 7....	67
7. Conceitos de tecnologias relacionadas à Internet, busca e pesquisa na Web. Navegadores de internet: Microsoft Edge, Mozilla Firefox, Google Chrome .....	73
8. Conceitos básicos de segurança na Internet e vírus de computadores .....	80
9. Aplicativos de GPS .....	82

## ***Conhecimentos Gerais e Atualidades***

1. Domínio de tópicos atuais e relevantes de diversas áreas, tais como: economia, sociedade, educação, tecnologia, energia, conflitos, relações internacionais, desenvolvimento sustentável, segurança, artes e literatura e suas vinculações históricas..	91
--	----

---

## **Conhecimentos Específicos**

### **Professor Pedagogia**

1. História, Filosofia e Sociologia da Educação .....	93
2. Psicologia da Educação .....	94
3. Plano de Desenvolvimento Institucional.....	104
4. Projeto Pedagógico Institucional .....	105
5. Planejamento do ensino .....	105
6. Projeto político pedagógico .....	106
7. Teorias pedagógicas e concepções de educação e escola .....	113
8. Tendências educacionais na sala de aula: correntes teóricas e alternativas metodológicas .....	113
9. Teorias da Aprendizagem (Piaget, Vygostky, Wallon e Ausubel).....	114
10. Desenvolvimento psicológico do ser humano: aspectos afetivos, sociais e cognitivos .....	118
11. Organização curricular. Currículo e didática.....	127
12. Base Nacional Comum Curricular .....	138
13. Processo de ensino e aprendizagem.....	179
14. A análise de erros numa perspectiva de orientação/reorientação do ensino .....	185
15. A metodologia dos projetos didáticos .....	187
16. Alfabetização e letramento.....	190
17. A questão da alfabetização e do letramento na Base Nacional Curricular Comum (BNCC).....	193
18. Avaliação do processo de ensino e aprendizagem .....	195
19. Avaliação educacional e institucional, diagnóstica e formativa.....	205
20. Gestão democrática na escola: a construção do projeto político-pedagógico .....	212
21. Trabalho em equipe multiprofissional .....	212
22. Educação Dialógica .....	212
23. Educação como prática social e o compromisso social do educador.....	213
24. Pedagogia Social .....	214
25. Indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão.....	215
26. Curricularização da extensão.....	220
27. Pesquisa como princípio educativo.....	220
28. Os referenciais nacionais para a formação de professores: papel do professor no coletivo escolar .....	221
29. Formação inicial e continuada de professores.....	221
30. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia.....	222
31. O mundo do trabalho e a Educação.....	225
32. Educação técnica e superior .....	227
33. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio.....	228
34. Evasão escolar: acesso, permanência e assistência estudantil .....	234
35. Educação Ambiental .....	235
36. Educação de Jovens e Adultos .....	238
37. Educação à Distância.....	246
38. Diversidade e inclusão .....	248
39. Educação Especial na Perspectiva Inclusiva .....	248

---

## ÍNDICE

---

40. Distúrbios e transtornos de aprendizagem (discalculia, dislexia, disgrafia, disortografia, disartria e TDAH).....	251
41. Política de ações afirmativas .....	256
42. Educação indígena .....	257
43. Educação quilombola .....	260
44. Educação das Relações Étnico-raciais .....	260
45. A especificidade do pedagogo: saberes pedagógicos e atividade docente .....	269
46. Educação em Espaços Escolares e Não Escolares. Educação formal, não formal e informal .....	271
47. Identidade do profissional de Pedagogia .....	272
48. Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no contexto educacional .....	273
49. Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) .....	273
50. Indicadores educacionais .....	274

---

# LÍNGUA PORTUGUESA

## COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

Compreender e interpretar textos é essencial para que o objetivo de comunicação seja alcançado satisfatoriamente. Com isso, é importante saber diferenciar os dois conceitos. Vale lembrar que o texto pode ser verbal ou não-verbal, desde que tenha um sentido completo.

A **compreensão** se relaciona ao entendimento de um texto e de sua proposta comunicativa, decodificando a mensagem explícita. Só depois de compreender o texto que é possível fazer a sua interpretação.

A **interpretação** são as conclusões que chegamos a partir do conteúdo do texto, isto é, ela se encontra para além daquilo que está escrito ou mostrado. Assim, podemos dizer que a interpretação é subjetiva, contando com o conhecimento prévio e do repertório do leitor.

Dessa maneira, para compreender e interpretar bem um texto, é necessário fazer a decodificação de códigos linguísticos e/ou visuais, isto é, identificar figuras de linguagem, reconhecer o sentido de conjunções e preposições, por exemplo, bem como identificar expressões, gestos e cores quando se trata de imagens.

### Dicas práticas

1. Faça um resumo (pode ser uma palavra, uma frase, um conceito) sobre o assunto e os argumentos apresentados em cada parágrafo, tentando traçar a linha de raciocínio do texto. Se possível, adicione também pensamentos e inferências próprias às anotações.

2. Tenha sempre um dicionário ou uma ferramenta de busca por perto, para poder procurar o significado de palavras desconhecidas.

3. Fique atento aos detalhes oferecidos pelo texto: dados, fonte de referências e datas.

4. Sublinhe as informações importantes, separando fatos de opiniões.

5. Perceba o enunciado das questões. De um modo geral, questões que esperam **compreensão do texto** aparecem com as seguintes expressões: o autor afirma/sugere que...; segundo o texto...; de acordo com o autor... Já as questões que esperam **interpretação do texto** aparecem com as seguintes expressões: conclui-se do texto que...; o texto permite deduzir que...; qual é a intenção do autor quando afirma que...

## TIPOLOGIA E GÊNEROS TEXTUAIS

A classificação de textos em tipos e gêneros é essencial para compreendermos sua estrutura linguística, função social e finalidade. Antes de tudo, é crucial discernir a distinção entre essas duas categorias.

### Tipos textuais

A tipologia textual se classifica a partir da estrutura e da finalidade do texto, ou seja, está relacionada ao modo como o texto se apresenta. A partir de sua função, é possível estabelecer um padrão específico para se fazer a enunciação.

Veja, no quadro abaixo, os principais tipos e suas características:

<b>TEXTO NARRATIVO</b>	Apresenta um enredo, com ações e relações entre personagens, que ocorre em determinados espaço e tempo. É contado por um narrador, e se estrutura da seguinte maneira: apresentação > desenvolvimento > clímax > desfecho
<b>T E X T O DISSERTATIVO- ARGUMENTATIVO</b>	Tem o objetivo de defender determinado ponto de vista, persuadindo o leitor a partir do uso de argumentos sólidos. Sua estrutura comum é: introdução > desenvolvimento > conclusão.
<b>TEXTO EXPOSITIVO</b>	Procura expor ideias, sem a necessidade de defender algum ponto de vista. Para isso, usa-se comparações, informações, definições, conceitualizações etc. A estrutura segue a do texto dissertativo-argumentativo.
<b>TEXTO DESCRITIVO</b>	Expõe acontecimentos, lugares, pessoas, de modo que sua finalidade é descrever, ou seja, caracterizar algo ou alguém. Com isso, é um texto rico em adjetivos e em verbos de ligação.
<b>TEXTO INJUNTIVO</b>	Oferece instruções, com o objetivo de orientar o leitor. Sua maior característica são os verbos no modo imperativo.

**Gêneros textuais**

A classificação dos gêneros textuais se dá a partir do reconhecimento de certos padrões estruturais que se constituem a partir da função social do texto. No entanto, sua estrutura e seu estilo não são tão limitados e definidos como ocorre na tipologia textual, podendo se apresentar com uma grande diversidade. Além disso, o padrão também pode sofrer modificações ao longo do tempo, assim como a própria língua e a comunicação, no geral.

**Alguns exemplos de gêneros textuais:**

- Artigo;
- Bilhete;
- Bula;
- Carta;
- Conto;
- Crônica;
- E-mail;
- Lista;
- Manual;
- Notícia;
- Poema;
- Propaganda;
- Receita culinária;
- Resenha;
- Seminário.

Vale lembrar que é comum enquadrar os gêneros textuais em determinados tipos textuais. No entanto, nada impede que um texto literário seja feito com a estruturação de uma receita culinária, por exemplo. Então, fique atento quanto às características, à finalidade e à função social de cada texto analisado.

**FIGURAS DE LINGUAGEM****FIGURAS DE LINGUAGEM<sup>1</sup>**

Também chamadas de Figuras de Estilo. É possível classificá-las em quatro tipos:

- Figuras de Palavras (ou semânticas);
- Figuras Sonoras;
- Figuras de Construção (ou de sintaxe);
- Figuras de Pensamento.

**– Figuras de Palavras**

<sup>2</sup>São as que dependem do uso de determinada palavra com sentido novo ou com sentido incomum. Vejamos:

**– Metáfora**

É um tipo de comparação (mental) sem uso de conectivos comparativos, com utilização de verbo de ligação explícito na frase. Consiste em usar uma palavra referente a algo no lugar da característica propriamente dita, depreendendo uma relação de semelhança que pode ser compreendida por conta da flexibilidade da linguagem.

**Ex.:** “Sua boca **era** um pássaro escarlate.” (Castro Alves)

**– Catacrese**

Consiste em transferir a uma palavra o sentido próprio de outra, fazendo uso de formas já incorporadas aos usos da língua. Se a metáfora surpreende pela originalidade da associação de ideias, o mesmo não ocorre com a catacrese, que já não chama a atenção por ser tão repetidamente usada. Toma-se emprestado um termo já existente e o “emprestamos” para outra coisa.

**Ex.:** Batata da perna; Pé da mesa; Cabeça de alho; Asa da xícara.

**– Comparação ou Símile**

É a comparação entre dois elementos comuns, semelhantes, de forma mais explícita. Como assim? Normalmente se emprega uma conjunção comparativa: *como, tal qual, assim como, que nem*.

**Ex.:** “Como um anjo caído, fiz questão de esquecer...” (Legião Urbana)

**– Sinestesia**

É a fusão de no mínimo dois dos cinco sentidos físicos, sendo bastante utilizada na arte, principalmente em músicas e poesias.

**Ex.:** “De **amargo** e então **salgado** ficou **doce**, - *Paladar*

Assim que teu **cheiro** forte e lento - *Olfato*

Fez casa nos **meus braços** e ainda leve - *Tato*

E forte e **cego** e tenso fez saber - *Visão*

Que ainda era muito e muito pouco.” (Legião Urbana)

**– Antonomásia**

Quando substituímos um nome próprio pela qualidade ou característica que o distingue. Pode ser utilizada para eliminar repetições e tornar o texto mais rico, devendo apresentar termos que sejam conhecidos pelo público, para não prejudicar a compreensão.

**Ex.:** O Águia de Haia (= Rui Barbosa)

O Pai da Aviação (= Santos Dumont)

**– Epíteto**

Significa “posto ao lado”, “acrescentado”. É um termo que designa “apelido” ou “alcunha”, isto é, expressões ou palavras que são acrescentados a um nome. Epíteto vem do Grego *EPÍTHETON*, “algo adicionado, apelido”, de *EPI-*, “sobre”, e *TITHENAI*, “colocar”.

Aparece logo após o nome da pessoa, de personagens literários, da história de militares, de reis e de muitos outros.

**Ex.:** Nelson Rodrigues: o “Anjo Pornográfico”, por sua obra de cunho bastante sexual.

Augusto Dos Anjos: o “Poeta da Morte”, já que seu principal tema era a morte.

**– Metonímia**

Troca-se uma palavra por outra com a qual ela se relaciona. Ocorre quando um único nome é citado para representar um todo referente a ele.

A metonímia ocorre quando substituímos:

– **O autor ou criador pela obra.** **Ex.:** Gosto de ler *Jorge Amado* (observe que o nome do autor está sendo usado no lugar de suas obras).

– **O efeito pela causa e vice-versa.** **Ex.:** Ganho a vida com o suor do meu rosto. (o suor é o efeito ou resultado e está sendo usado no lugar da causa, ou seja, o “trabalho”).

<sup>1</sup> SCHICAIR. Nelson M. *Gramática do Português Instrumental*. 2ª. ed Niterói: Impetus, 2007.  
<sup>2</sup> <https://bit.ly/37nLTfx>



– **O continente pelo conteúdo.** Ex.: Ela comeu uma *caixa* de doces. (= doces).

– **O abstrato pelo concreto e vice-versa.** Ex.: A *velhice* deve ser respeitada. (= pessoas velhas).

– **O instrumento pela pessoa que o utiliza.** Ex.: Ele é bom no *volante*. (= piloto ou motorista).

– **O lugar pelo produto.** Ex.: Gosto muito de tomar um *Porto*. (= o vinho da cidade do Porto).

– **O símbolo ou sinal pela coisa significada.** Ex.: Os revolucionários queriam o *trono*. (= império, o poder).

– **A parte pelo todo.** Ex.: Não há *teto* para os necessitados. (= a casa).

– **O indivíduo pela classe ou espécie.** Exemplo: Ele foi o *judas* do grupo. (= espécie dos homens traidores).

– **O singular pelo plural.** Ex.: O *homem* é um animal racional. (o singular homem está sendo usado no lugar do plural homens).

– **O gênero ou a qualidade pela espécie.** Ex.: Nós *mortais*, somos imperfeitos. (= seres humanos).

– **A matéria pelo objeto.** Ex.: Ele não tem um *níquel*. (= moeda).

**Observação:** os últimos 5 casos recebem também o nome de **Sinédoque**.

#### – Sinédoque

Significa a troca que ocorre por relação de compreensão e que consiste no uso do todo, pela parte do plural pelo singular, do gênero pela espécie, ou vice-versa.

Ex.: O mundo é violento. (= os homens)

#### – Perífrase

Trata-se da substituição de um nome por uma expressão por alguma característica marcante ou por algum fato que o tenha tornado célebre.

Ex.: O *país do futebol* acredita no seu povo. (país do futebol = Brasil)

#### – Analogia

Trata-se de uma espécie de comparação, contudo, neste caso, realizada por meio de uma correspondência entre duas entidades diferentes.

Na escrita, pode ocorrer a analogia quando o autor pretender estabelecer uma aproximação equivalente entre elementos através do sentido figurado e dos conectivos de comparação.

Ex.: A árvore é um ser vivo. Tem metabolismo e reproduz-se. O ser humano também. Nisto são semelhantes. Ora se são semelhantes nestas coisas e a árvore cresce podemos concluir que o ser humano também cresce.

#### – Hipérbole

É a figura do exagero, a fim de proporcionar uma imagem chocante ou emocionante. É a exaltação de uma ideia, visando causar maior impacto.

Ex.: “Rios te correrão dos olhos, se chorares!” (Olavo Bilac)  
“Estou morta de fome”.

#### – Eufemismo

Figura que atenua, que dá um tom mais leve a uma expressão.

Ex.: “E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir Deus lhe pague.” (Chico Buarque)

Paz derradeira = morte

“Aquele homem de índole duvidosa apropriou-se (ladrão) indevidamente dos meus pertences.” (roubou)

#### – Disfemismo

Expressão grosseira em lugar de outra, que poderia ser mais suave, branda.

Ex.: “Você não passa de um porco ... um pobretão.”

#### – Pleonasmos

Repetição da ideia, ou seja, redundância semântica e sintática, divide-se em:

– **Gramatical:** com objetos direto ou indireto redundantes, chamam-nos pleonásticos.

Ex.: “Perdoo-te a ti, meu amor.”

“O carro velho, eu o vendi ontem.”

– **Vicioso:** deve ser evitado por não acrescentar informação nova ao que já havia sido dito anteriormente.

Ex.: subir para cima; descer para baixo; repetir de novo; hemorragia sanguínea; protagonista principal; monopólio exclusivo.

#### – Anáfora

É a repetição intencional de palavras, no início de um período, frase ou verso.

Ex.: “Eu quase não saio

Eu quase não tenho amigo

Eu quase não consigo

Ficar na cidade sem viver contrariado.”

(Gilberto Gil)

#### – Ambiguidade ou Anfibologia

Esta é uma figura de linguagem bastante utilizada no meio artístico, de forma poética e literária. Entretanto, em textos técnicos e redações, ela é considerada um vício (e precisa ser evitada). Ocorre quando uma frase fica com duplo sentido, dificultando sua interpretação.

Ex.: A mãe avisou à filha que estava terminando o serviço. (Quem terminava o serviço: a mãe ou a filha?)

#### – Alegoria

Utilizada de maneira retórica, com o objetivo de ampliar o significado de uma palavra (ou oração). A alegoria ajuda a transmitir um (ou mais) sentidos do texto, além do literal.

Ex.: “Vivemos em uma constante montanha russa: estamos em alta velocidade e os altos e baixos se revezam de maneira vertiginosa, sem que possamos pensar direito.” (Aqui, o enunciador propõe equalizarmos o cotidiano a uma “montanha russa” e, na sequência, cria relações contínuas entre os dias e os movimentos propiciados pelo mecanismo de brinquedo.)

#### – Simbologia

É o uso de simbologias para indicar algo.

Ex.: “A pomba branca simboliza a paz.”

### – Figuras de Harmonia

São as que reproduzem **os efeitos de repetição de sons**, ou ainda quando se busca representa-los. São elas:

#### – Aliteração

Repetição **consonantal** fonética (som da letra) geralmente no início da palavra. Dá ritmo e também pode criar trava-línguas.

**Ex.:** “O rato roeu a roupa do rei de Roma”;  
“Quem com ferro fere, com ferro será ferido”.

#### – Assonância

Repetição da vogal tônica ou de sílabas com as mesmas consoantes e vogais distintas.

**Ex.:** “É a **moda** / da **menina muda** / da **menina** trombuda / que **muda** de **modos** / e dá **medo**” (*Moda da Menina Trombuda* - *Cecília Meireles*)

#### – Paronomásia

É o uso de palavras iguais ou com sons semelhantes, porém que possuem sentidos distintos.

**Ex.:** “Berro pelo **aterro** pelo **desterro**  
Berro por seu **berro** pelo seu **erro**” (*Caetano Veloso*)  
“Quem **casa**, quer **casa**”.

#### – Cacofonia

Trata-se da junção de duas palavras (as últimas sílabas de uma + as sílabas iniciais da outra), que podem tornar o som diferente e criar um novo significado. A cacofonia é notada ao falar, com o som fazendo parecer algo diferente daquilo que realmente foi dito.

**Ex.:** A boca **dela**. (cadela)  
A prova valia 10 pontos, um **por cada** acerto. (porcada)

#### – Onomatopeia

Este é um recurso empregado com a intenção de reproduzir um barulho, som ou ruído. É muito usada em histórias em quadrinhos e na literatura. No exemplo a seguir, o “tic-tac” reproduz o som de um relógio.

**Ex.:** “Passa, tempo, tic-tac / Tic-tac, passa, hora / Chega logo, tic-tac / Tic-tac, e vai-te embora” (*O Relógio* - *Vinicius de Moraes*)

#### – Figuras de Construção

Dizem respeito aos desvios de padrão de concordância quer quanto à ordem, omissões ou excessos. Dão maior fluidez ao texto. Dividem-se em:

##### – Assíndeto

Ocorre por falta ou supressão de conectivos. Geralmente, é substituído por vírgula.

**Ex.:** “Saí, bebi, enfim, vivi.” (*Nel de Moraes*)

“Meu filho não quer trabalhar, estudar, ser autônomo, ser independente”.

##### – Polissíndeto

Repetição enfática de conectivos que ligam termos da oração ou períodos. Na maioria das vezes, as conjunções coordenativas são repetidas.

**Ex.:** “E saber, e crescer, e ser, e haver  
E perder, e sofrer, e ter horror.”

(*Vinicius de Moraes*)

### – Elipse

É a omissão de um termo que não prejudica ou altera o sentido da frase.

**Ex.:** “Queria ser um pássaro dentro da noite.” (omissão de “Eu”)  
“Quero mais respeito.” (omissão de “Eu” e “receber”)

### – Zeugma

Elipse especial que consiste na supressão de um termo já expresso, anteriormente, no contexto.

**Ex.:** “Nós nos desejamos e não nos possuímos.” (supressão de “nós”)  
“Eu prefiro literatura, ele, linguística” (supressão de “prefere”)

### – Anacoluto

É uma alteração na estrutura da frase, que é interrompida por algum elemento inserido de maneira “solta”. Há estudiosos que defendem que o anacoluto é um erro gramatical. O anacoluto é parecido com o pleonasma, ou melhor, na tentativa de um pleonasma sintático, muitas vezes, acaba-se por criar a ruptura.

**Ex.:** “Os meus vizinhos, não confio mais neles.” - a função sintática de “os meus vizinhos” é nula; entretanto, se houvesse preposição (“Nos meus vizinhos, não confio mais neles”), o termo seria objeto indireto, enquanto “neles” seria o objeto indireto pleonástico.

### – Anástrofe

Inversão sintática leve.

**Ex.:** “Tão leve estou que já nem sombra tenho.” (ordem inversa) (*Mário Quintana*)  
“Estou tão leve que já não tenho sombra.” (ordem direta)

### – Hipálage

Inversão de um adjetivo (uma qualidade que pertence a um é atribuída a outro substantivo).

**Ex.:** “A mulher degustava lânguida cigarrilha.”

Lânguida = sensual, portanto lânguida é a mulher, e não a cigarrilha como faz supor.

“Em cada olho um grito castanho de ódio.” (*Dalton Trevisan*)  
Castanhos são os olhos, e não o grito.

### – Hipérbato ou Inversão

É a inversão da ordem direta da frase (sujeito-verbo-objeto-complementos).

**Ex.:** “Enquanto manda as ninfas amorosas grinaldas nas cabeças pôr de rosas.” (*Camões*)

“Enquanto manda as ninfas amorosas pôr grinaldas de rosas na cabeça.”

### – Síquise

Há uma inversão violenta de distantes partes da oração. É um hipérbato “hiperbólico”.

**Ex.:** “...entre vinhedo e sebe

corre uma linfa e ele no seu de faixa

de ao pé do Alfeu Tarro escultado bebe.” (*Alberto de Oliveira*)

“Uma linfa corre entre vinhedo e sebe, e ele bebe no seu Tarro escultado, de faixa, ao pé do Alfeu.”

# NOÇÕES DE INFORMÁTICA

## CONCEITOS E FUNDAMENTOS BÁSICOS

A informática, também conhecida como ciência da computação, é o campo de estudo dedicado ao processamento automático e racional da informação por meio de sistemas computacionais. A palavra “informática” é uma junção dos termos “informação” e “automática”, refletindo a essência do campo: o uso de computadores e algoritmos para tratar, armazenar e transmitir informações de forma eficiente e precisa.

A história da informática é marcada por uma evolução constante e revolucionária, que transformou a maneira como vivemos e trabalhamos. Desde os primeiros dispositivos de cálculo, como o ábaco, até os modernos computadores e dispositivos móveis, a informática tem sido uma força motriz no avanço da sociedade.

No século 17, Blaise Pascal inventou a Pascaline, uma das primeiras calculadoras mecânicas, capaz de realizar adições e subtrações. Mais tarde, no século 19, Charles Babbage projetou a Máquina Analítica, considerada o precursor dos computadores modernos, e Ada Lovelace, reconhecida como a primeira programadora, escreveu o primeiro algoritmo destinado a ser processado por uma máquina.

O século 20 testemunhou o nascimento dos primeiros computadores eletrônicos, como o ENIAC, que utilizava válvulas e era capaz de realizar milhares de cálculos por segundo. A invenção do transistor e dos circuitos integrados levou a computadores cada vez menores e mais poderosos, culminando na era dos microprocessadores e na explosão da computação pessoal.

Hoje, a informática está em todo lugar, desde smartphones até sistemas de inteligência artificial, e continua a ser um campo de rápido desenvolvimento e inovação.

### CONCEITOS BÁSICOS DE INFORMÁTICA

– **Computador:** é uma máquina capaz de receber, armazenar, processar e transmitir informações. Os computadores modernos são compostos por hardware (componentes físicos, como processador, memória, disco rígido) e software (programas e sistemas operacionais).

– **Hardware e Software:** hardware refere-se aos componentes físicos do computador, enquanto o software refere-se aos programas e aplicativos que controlam o hardware e permitem a execução de tarefas.

– **Sistema Operacional:** é um software fundamental que controla o funcionamento do computador e fornece uma interface entre o hardware e os programas. Exemplos de sistemas operacionais incluem Windows, macOS, Linux, iOS e Android.

– **Periféricos:** são dispositivos externos conectados ao computador que complementam suas funcionalidades, como teclado, mouse, monitor, impressora, scanner, alto-falantes, entre outros.

– **Armazenamento de Dados:** refere-se aos dispositivos de armazenamento utilizados para guardar informações, como discos rígidos (HDs), unidades de estado sólido (SSDs), pen drives, cartões de memória, entre outros.

– **Redes de Computadores:** são sistemas que permitem a comunicação entre computadores e dispositivos, permitindo o compartilhamento de recursos e informações. Exemplos incluem a Internet, redes locais (LANs) e redes sem fio (Wi-Fi).

– **Segurança da Informação:** Refere-se às medidas e práticas utilizadas para proteger os dados e sistemas de computadores contra acesso não autorizado, roubo, danos e outros tipos de ameaças.

### TIPOS DE COMPUTADORES

– **Desktops:** são computadores pessoais projetados para uso em um único local, geralmente composto por uma torre ou gabinete que contém os componentes principais, como processador, memória e disco rígido, conectados a um monitor, teclado e mouse.

– **Laptops (Notebooks):** são computadores portáteis compactos que oferecem as mesmas funcionalidades de um desktop, mas são projetados para facilitar o transporte e o uso em diferentes locais.

– **Tablets:** são dispositivos portáteis com tela sensível ao toque, menores e mais leves que laptops, projetados principalmente para consumo de conteúdo, como navegação na web, leitura de livros eletrônicos e reprodução de mídia.

– **Smartphones:** são dispositivos móveis com capacidades de computação avançadas, incluindo acesso à Internet, aplicativos de produtividade, câmeras de alta resolução, entre outros.

– **Servidores:** são computadores projetados para fornecer serviços e recursos a outros computadores em uma rede, como armazenamento de dados, hospedagem de sites, processamento de e-mails, entre outros.

– **Mainframes:** são computadores de grande porte projetados para lidar com volumes massivos de dados e processamento de transações em ambientes corporativos e institucionais, como bancos, companhias aéreas e agências governamentais.

– **Supercomputadores:** são os computadores mais poderosos e avançados, projetados para lidar com cálculos complexos e intensivos em dados, geralmente usados em pesquisa científica, modelagem climática, simulações e análise de dados.

**CONHECIMENTO E UTILIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS SOFTWARES UTILITÁRIOS (COMPACTADORES DE ARQUIVOS, CHAT, CLIENTES DE E-MAILS, REPRODUTORES DE VÍDEO, VISUALIZADORES DE IMAGEM, ANTIVÍRUS)**

**Compactador de arquivos:** é um software que reduz o tamanho dos arquivos, para economizar espaço em disco ou facilitar o envio e o download pela internet. Alguns formatos de arquivos compactados são ZIP, RAR, 7Z, etc. Alguns exemplos de compactadores de arquivos são WinRAR, 7-Zip, WinZip, etc.

**Chat:** é um software que permite a comunicação online entre duas ou mais pessoas, por meio de texto, voz ou vídeo. Alguns exemplos de chat são WhatsApp, Telegram, Skype, Zoom, etc.

**Clientes de e-mails:** são softwares que permitem o envio e o recebimento de mensagens eletrônicas pela internet. Eles se conectam a um servidor de e-mail que armazena as mensagens na caixa postal do usuário. Alguns exemplos de clientes de e-mails são Outlook, Thunderbird, Gmail, Yahoo Mail, etc.

**Gerenciador de processos:** é um software que controla os processos e as tarefas que estão sendo executados pelo computador. Ele mostra informações como o uso da CPU, da memória RAM, do disco e da rede pelos processos. Ele também permite finalizar ou alterar a prioridade dos processos. Alguns exemplos de gerenciadores de processos são o Gerenciador de Tarefas do Windows, o Monitor de Atividade do Mac OS e o htop do Linux.

**Visualizador de imagens:** O visualizador de imagens do Windows é um programa que permite abrir e visualizar fotos no computador. Ele foi introduzido no Windows XP e continuou sendo o aplicativo padrão para fotos até o Windows 8.1. No Windows 10 e no Windows 11, ele foi substituído pelo aplicativo Fotos, que tem mais recursos, mas também é mais pesado e lento.

**Antivírus:** é um programa que protege o seu computador ou dispositivo móvel contra vírus, malwares, spywares e outras ameaças digitais. Um antivírus funciona escaneando os arquivos, aplicativos e redes em busca de sinais de atividades maliciosas, e bloqueando ou removendo qualquer coisa suspeita. Alguns exemplos são Avast, AVG Antivirus, Kaspersky Security Cloud, Bitdefender Antivirus, etc.

**Música e Vídeo:** Temos o Media Player como player nativo para ouvir músicas e assistir vídeos. O Windows Media Player é uma excelente experiência de entretenimento, nele pode-se administrar bibliotecas de música, fotografia, vídeos no seu computador, copiar CDs, criar playlists e etc., isso também é válido para o media center.



**CONCEITOS BÁSICOS DE HARDWARE (PLACA MÃE, MEMÓRIAS, PROCESSADORES (CPU); PERIFÉRICOS DE COMPUTADORES)**

Informática é a ciência que estuda o processamento, o armazenamento e a transmissão de informações por meio de dispositivos eletrônicos, como computadores, celulares e redes.

**HARDWARE**

O hardware é a parte física do computador, ou seja, os componentes que podem ser tocados com as mãos, como o gabinete, o teclado, o mouse, a impressora, o disco rígido, a memória, entre outros.

– **Memórias:** são dispositivos que armazenam dados e instruções para serem usados pelo processador. Existem diferentes tipos de memórias, como:

– **Memória RAM:** (Random Access Memory ou Memória de Acesso Randômico): é uma memória volátil e rápida que armazena temporariamente os dados dos programas que estão em execução no computador. Ela perde o conteúdo quando o computador é desligado.

– **Memória ROM:** (Read Only Memory ou Memória Somente de Leitura): é uma memória não volátil que armazena permanentemente as instruções básicas para o funcionamento do computador, como o BIOS (Basic Input/Output System ou Sistema Básico de Entrada/Saída). Ela não perde o conteúdo quando o computador é desligado.

– **Memória CACHE:** é uma memória muito rápida e pequena que armazena temporariamente os dados mais usados pelo processador, para acelerar o seu desempenho. Ela pode ser interna (dentro do processador) ou externa (entre o processador e a memória RAM).

– **Memórias EXTERNAS:** são dispositivos removíveis que armazenam dados fora do computador, como pen drives, cartões de memória, CDs e DVDs.

– **Processadores (CPU):** são os chips responsáveis pelo controle e execução das operações do computador. Eles são compostos por duas unidades principais: a Unidade de Controle (UC), que busca e interpreta as instruções; e a Unidade Lógica e Aritmética (ULA), que realiza as operações matemáticas e lógicas. Os processadores podem ter mais de um núcleo (core), que permite realizar mais tarefas simultaneamente. Os principais fabricantes de processadores são Intel e AMD.

– **Disco de armazenamento:** é um dispositivo que armazena grandes quantidades de dados de forma permanente ou semipermanente. Existem diferentes tipos de discos de armazenamento, tais como os HDs, CDs e DVDs.

– **HD:** (Hard Disk ou Disco Rígido): é um disco magnético que fica dentro do gabinete do computador e armazena os programas, o sistema operacional e os arquivos do usuário.

– **CD:** (Compact Disc ou Disco Compacto): é um disco óptico que pode ser gravado uma vez (CD-R) ou várias vezes (CD-RW) e pode armazenar até 700 MB de dados.

– **DVD:** (Digital Versatile Disc ou Disco Digital Versátil): é um disco óptico que pode ser gravado uma vez (DVD-R) ou várias vezes (DVD-RW) e pode armazenar até 4,7 GB de dados em uma camada ou até 8,5 GB em duas camadas.

**AMBIENTES OPERACIONAIS: UTILIZAÇÃO BÁSICA DOS SISTEMAS OPERACIONAIS WINDOWS 10 E 11**

**WINDOWS 10**

**Conceito de pastas e diretórios**

Pasta algumas vezes é chamada de diretório, mas o nome “pasta” ilustra melhor o conceito. Pastas servem para organizar, armazenar e organizar os arquivos. Estes arquivos podem ser documentos de forma geral (textos, fotos, vídeos, aplicativos diversos).

Lembrando sempre que o Windows possui uma pasta com o nome do usuário onde são armazenados dados pessoais.

Dentro deste contexto temos uma hierarquia de pastas.



No caso da figura acima temos quatro pastas e quatro arquivos.

**Arquivos e atalhos**

Como vimos anteriormente: pastas servem para organização, vimos que uma pasta pode conter outras pastas, arquivos e atalhos.

- Arquivo é um item único que contém um determinado dado. Estes arquivos podem ser documentos de forma geral (textos, fotos, vídeos e etc..), aplicativos diversos, etc.
- Atalho é um item que permite fácil acesso a uma determinada pasta ou arquivo propriamente dito.



**Área de trabalho**



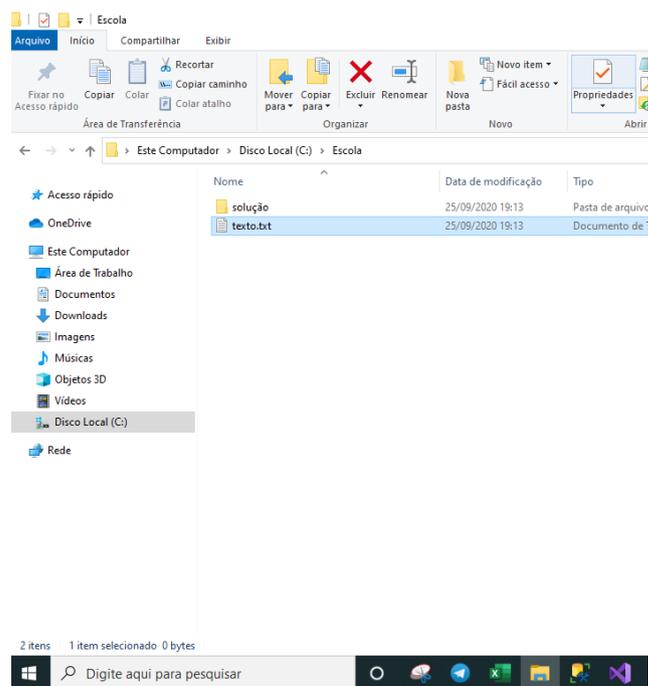
**Área de transferência**

A área de transferência é muito importante e funciona em segundo plano. Ela funciona de forma temporária guardando vários tipos de itens, tais como arquivos, informações etc.

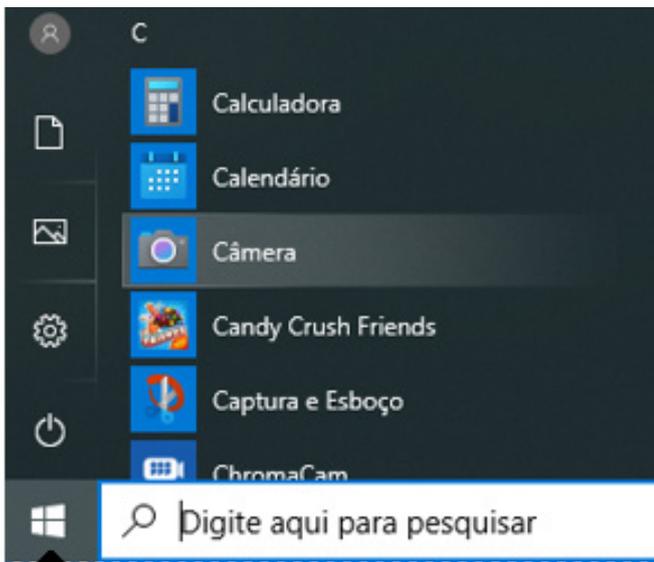
- Quando executamos comandos como “Copiar” ou “Ctrl + C”, estamos copiando dados para esta área intermediária.
- Quando executamos comandos como “Colar” ou “Ctrl + V”, estamos colando, isto é, estamos pegando o que está gravado na área de transferência.

**Manipulação de arquivos e pastas**

A caminho mais rápido para acessar e manipular arquivos e pastas e outros objetos é através do “Meu Computador”. Podemos executar tarefas tais como: copiar, colar, mover arquivos, criar pastas, criar atalhos etc.



Uso dos menus

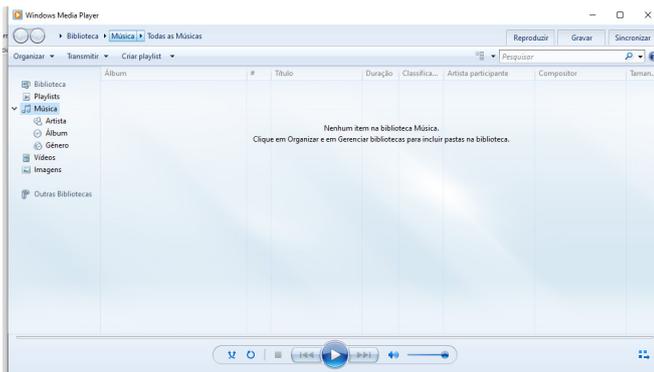


**MENU INICIAR**

**Programas e aplicativos e interação com o usuário**

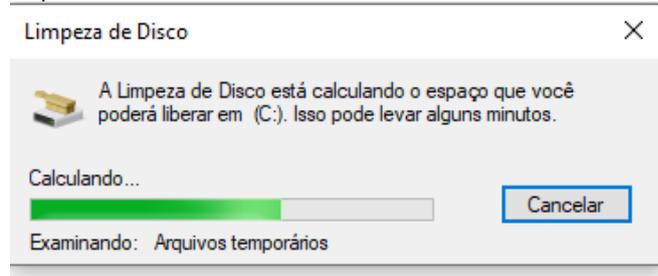
Vamos separar esta interação do usuário por categoria para entendermos melhor as funções categorizadas.

– **Música e Vídeo:** Temos o Media Player como player nativo para ouvir músicas e assistir vídeos. O Windows Media Player é uma excelente experiência de entretenimento, nele pode-se administrar bibliotecas de música, fotografia, vídeos no seu computador, copiar CDs, criar playlists e etc., isso também é válido para o media center.

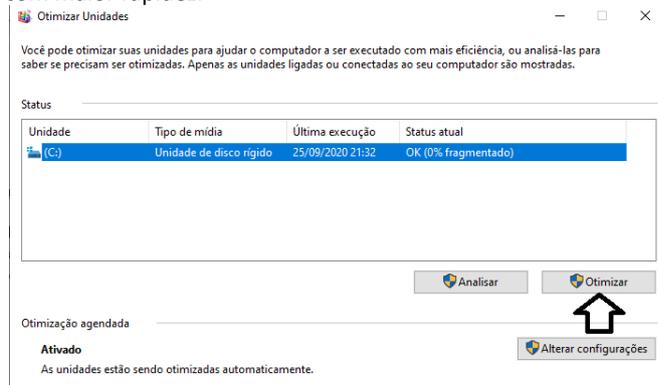


– **Ferramentas do sistema**

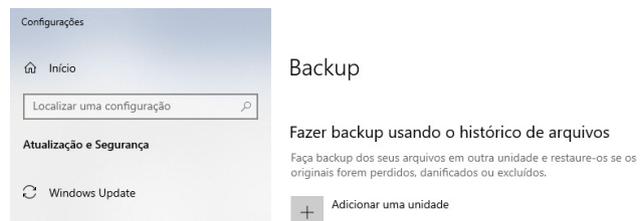
▪ A limpeza de disco é uma ferramenta importante, pois o próprio Windows sugere arquivos inúteis e podemos simplesmente confirmar sua exclusão.



▪ O desfragmentador de disco é uma ferramenta muito importante, pois conforme vamos utilizando o computador os arquivos ficam internamente desorganizados, isto faz que o computador fique lento. Utilizando o desfragmentador o Windows se reorganiza internamente tornando o computador mais rápido e fazendo com que o Windows acesse os arquivos com maior rapidez.



▪ O recurso de backup e restauração do Windows é muito importante pois pode ajudar na recuperação do sistema, ou até mesmo escolher seus arquivos para serem salvos, tendo assim uma cópia de segurança.





# CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

## Professor Pedagogia

### HISTÓRIA, FILOSOFIA E SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

A educação é um fenômeno social e cultural que atravessa séculos, refletindo as transformações políticas, econômicas e ideológicas das sociedades. Para compreendê-la plenamente, é necessário analisar suas bases históricas, filosóficas e sociológicas, que revelam as complexas interações entre o ser humano e o conhecimento, a sociedade e os processos educativos.

#### A História da Educação: Evolução e Transformações

A história da educação acompanha a evolução das sociedades humanas desde os tempos mais remotos. Nas sociedades primitivas, a educação era informal e transmitida oralmente, com foco na sobrevivência e na preservação dos costumes. Os jovens aprendiam observando e imitando os mais velhos, assimilando valores e práticas necessários à manutenção do grupo.

Com o advento das civilizações, como na Mesopotâmia, Egito, Grécia e Roma, surgiram instituições formais de ensino voltadas à formação de elites. Na Grécia Antiga, destacaram-se dois modelos educativos: o espartano, militarista e disciplinador, e o ateniense, que valorizava o desenvolvimento do intelecto e da cidadania. Filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles ofereceram contribuições inestimáveis à reflexão sobre a educação, influenciando gerações futuras.

Durante a Idade Média, a educação foi marcada pela influência da Igreja Católica, que controlava as escolas e universidades. O ensino baseava-se nos princípios da fé e na escolástica, que buscava conciliar a razão com a teologia. A Renascença e a Reforma Protestante trouxeram mudanças significativas, com o resgate dos clássicos e a valorização da alfabetização, enquanto a Revolução Industrial promoveu a expansão da educação para as massas, em resposta às demandas econômicas.

No século XX, a educação tornou-se um direito universal, promovido por organismos internacionais como a UNESCO. A história recente evidencia os desafios contemporâneos, como a inclusão, a equidade e a integração de novas tecnologias ao ensino.

#### A Filosofia da Educação: Reflexão e Fundamentos

A filosofia da educação busca compreender os propósitos, os valores e os princípios que orientam os processos educativos. Desde a Antiguidade, questões fundamentais como “o que é educar?”, “qual é o papel do professor?” e “qual é a finalidade do conhecimento?” são debatidas.

Os filósofos gregos foram pioneiros ao discutir a educação em termos éticos e políticos. Platão, em *A República*, propôs um modelo educativo voltado à formação de governantes sábios e justos, enquanto Aristóteles enfatizou a educação como um caminho para a virtude e a felicidade.

Na Idade Moderna, pensadores como Rousseau, Kant e Dewey contribuíram para a compreensão da educação como um processo de desenvolvimento humano integral. Rousseau, em *Emílio*, defendeu uma educação natural, centrada no desenvolvimento da criança em harmonia com suas inclinações. Kant viu a educação como um meio de emancipação e desenvolvimento moral, enquanto Dewey destacou a importância da experiência e do aprendizado prático para a formação democrática.

Hoje, a filosofia da educação enfrenta desafios que vão desde a globalização até a ética no uso da tecnologia. A reflexão filosófica continua sendo essencial para orientar políticas educacionais e práticas pedagógicas em um mundo em constante transformação.

#### A Sociologia da Educação: Relações e Impactos

A sociologia da educação estuda a relação entre a educação e a sociedade, analisando como as estruturas sociais, culturais e econômicas influenciam o processo educativo. Ela também investiga como a educação contribui para a reprodução social ou para a transformação das desigualdades.

Durante o século XIX, Émile Durkheim destacou a educação como uma função social essencial, responsável pela transmissão de valores coletivos e pela integração dos indivíduos à sociedade. Para Durkheim, a educação molda a consciência social e reforça a coesão social.

Já Karl Marx e os teóricos marxistas interpretaram a educação como um mecanismo de reprodução das relações de classe. Segundo essa perspectiva, a escola perpetua a desigualdade ao privilegiar os valores e interesses das classes dominantes, enquanto marginaliza as camadas populares.

No século XX, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron aprofundaram essa análise com os conceitos de capital cultural e violência simbólica. Eles argumentaram que o sucesso escolar está fortemente ligado ao capital cultural transmitido pelas famílias e que a escola reforça as desigualdades ao legitimar essas diferenças como mérito individual.

Por outro lado, a sociologia da educação também reconhece seu potencial transformador. A educação pode ser um instrumento de mudança social, promovendo a inclusão, o empoderamento e a justiça. Estudos contemporâneos exploram temas como multiculturalismo, equidade de gênero, educação para a sustentabilidade e a influência das novas tecnologias nas relações sociais e no aprendizado.

História, filosofia e sociologia da educação são campos complementares que iluminam diferentes aspectos do fenômeno educativo. Enquanto a história nos oferece um panorama de sua evolução, a filosofia reflete sobre seus fundamentos e a sociologia analisa suas relações com a sociedade. Juntos, esses campos fornecem ferramentas para compreender os desafios e as possibilidades da educação no mundo contemporâneo.

reafirmando sua importância como um direito humano fundamental e um pilar para o desenvolvimento de sociedades mais justas e equitativas.

## PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Quando se fala em Psicologia em sua relação com a Educação geralmente se usam os termos “Educativa” ou “Escolar”. Além dessas nomeações são comuns os termos: Psicologia na Educação, Psicologia da Educação, Psicologia aplicada à Educação e Psicologia do Escolar.

Entretanto, por meio da pesquisa histórica, foi possível encontrar ainda as seguintes expressões: Psicologia Pedagógica, Pedagogia Terapêutica, Pedagogia, Puericultura, Paidologia, Paidotécnica, Higiene Escolar, Ortofrenia, Ortofrenopédia e Defectologia. Também em obras diversas aparecem expressões relacionadas: Psicotécnica, Psicologia Aplicada às coisas do Ensino, Psicologia para pais e professores, Psicologia da criança, Psicologia do aluno e da professora, Biotipologia Educacional, Psicopedagogia, Psicologia Especial, Higiene Mental Escolar, Orientação Educacional e Orientação Profissional. Em alguns casos se refere à teoria e em outros se designa o conjunto de práticas desenvolvidas nesse âmbito.

Com esse emaranhado de nomes pode-se pensar que há inclusive uma indefinição identitária desse campo. Se a resposta for sim, essa é uma discussão muito importante para os profissionais que têm interesse nesse tema. Além disso, é necessário questionar, por exemplo, como geralmente se nomeiam os profissionais e os serviços desse setor? Será que existem diferenças quando se fala Escolar e Educativa? Ou ainda Psicologia da Educação ou na Educação?

Na busca de responder a essas indagações que pensamos em traçar um percurso histórico desse conjunto de nomenclaturas para compreender como, ao longo do tempo, foram se constituindo essas nomeações e quais são suas finalidades e distinções. A partir da investigação constatou-se que realmente é fato que a própria definição do que seja ou não Psicologia Educativa e Escolar passou por várias transformações conceituais que refletiram em sua própria designação. A análise histórica dessas configurações revelou que essas diversas terminologias não são meramente uma questão de escolha de nomenclaturas que denominam o mesmo fenômeno.

Identificamos que esses termos citados e suas distinções têm todo um sentido histórico. Essas diferenciações estão relacionadas, sobretudo, à definição desse campo em termos de (a) objetos de interesse, (b) finalidades e (c) métodos de investigação e/ou intervenção, que, por sua vez, estão relacionados à visão de homem, de mundo, de sociedade, de educação e de escola e também quanto ao foco de olhar à interface Psicologia e Educação. E isso foi se modificando ao longo do tempo, como será tratado a seguir.

Para Antunes, a **Psicologia Educativa pode ser considerada como uma subárea da psicologia, o que pressupõe esta última como área de conhecimento. Entende-se área de conhecimento como corpus sistemático e organizado de saberes produzidos de acordo com procedimentos definidos, referentes a determinados fenômenos ou conjunto de**

**fenômenos constituintes da realidade, fundamentado em concepções ontológicas, epistemológicas, metodológicas e éticas determinadas.**

Faz-se necessário, porém, considerar a diversidade de concepções, abordagens e sistemas teóricos que constituem as várias produções de conhecimento, particularmente no âmbito das ciências humanas, das quais a psicologia faz parte. Assim, a Psicologia da Educação pode ser entendida como subárea de conhecimento, que tem como vocação a produção de saberes relativos ao fenômeno psicológico constituinte do processo educativo.

**A Psicologia Escolar, diferentemente, define-se pelo âmbito profissional e refere-se a um campo de ação determinado, isto é, a escola e as relações que aí se estabelecem; fundamenta sua atuação nos conhecimentos produzidos pela Psicologia da Educação, por outras subáreas da psicologia e por outras áreas de conhecimento.**

**Deve-se, pois, sublinhar que Psicologia Educativa e Psicologia Escolar são intrinsecamente relacionadas, mas não são idênticas, nem podem reduzir-se uma à outra, guardando cada qual sua autonomia relativa. A primeira é uma área de conhecimento (ou subárea) e tem por finalidade produzir saberes sobre o fenômeno psicológico no processo educativo. A outra constitui-se como campo de atuação profissional, realizando intervenções no espaço escolar ou a ele relacionado, tendo como foco o fenômeno psicológico, fundamentada em saberes produzidos, não só, mas principalmente, pela subárea da psicologia, a psicologia da educação.**

A autora diz em nota de rodapé que “muitas expressões são utilizadas, dentre as quais: Psicologia Educativa, Psicologia da Educação, Psicologia na Educação e outras. Há implicações teóricas que subjazem à opção por uma ou outra denominação, mas que não serão aqui tratadas, dada delimitação do presente texto”. Em termos gerais a definição mostra Psicologia Educativa e da Educação como sinônimos e correspondem à teorização ou produção de saberes sobre o processo educativo e a Psicologia Escolar como um campo de atuação ou prática do psicólogo em contextos educativos diversos. Antunes recentemente voltou a tratar do tema dizendo que essas diferenciações devem ser observadas a partir do contexto histórico no qual estão inseridas e, portanto, é de suma importância trazer à luz como foram constituídas historicamente.

Essa diferenciação e diríamos até cisão clássica entre teoria e prática foi historicamente constituída na Psicologia e também na Psicologia Educativa e Escolar, especialmente pela influência estadunidense.

E, nesse sentido, no Brasil, devido à influência que se teve das formulações estrangeiras, classicamente se considerava que essa era a distinção primordial. A professora Geraldina Witter ainda complementa dizendo que essa diferenciação é inócua, pois, segundo ela, “é claro que uma coisa não vive sem a outra, não é?”

Mas, de um modo geral, essa divisão clássica e hoje tradicional é muito disseminada por alguns teóricos e profissionais que mantêm a ideia de que a Psicologia Educativa fica a cargo de responder pela teorização e pelas pesquisas, e a Psicologia Escolar, pela prática. Contudo, a partir do olhar histórico, verifica-se que o termo “Psicologia Educativa” durante muito tempo

no Brasil reunia em si os dois aspectos - o teórico e o prático -, sendo que também havia outras nomeações (antes citadas) que designavam esse campo.

Uma peculiaridade da história da Psicologia no Brasil é que, diferentemente do que ocorreu em outros países nos quais o campo da Psicologia Educacional e Escolar se consolidou após a Psicologia propriamente dita, como uma derivação desta, pelo menos no que se refere à prática, aqui ocorreu de forma diferente. Esse campo nasceu, desenvolveu-se e se consolidou concomitantemente à Psicologia propriamente dita. E especialmente ao que tange à aplicação prática dos conhecimentos psicológicos, o campo educativo foi um dos primeiros. Isso é possível apreender por meio das evidências encontradas em documentos escritos, nos depoimentos que podemos ter acesso de pioneiros e também na constituição dos primeiros serviços. Para Antunes, essa ligação é tão intensa que: “[o] vínculo entre a Psicologia e Educação é um vínculo muito estreito, e eu diria até constitutivo”. Essa mesma autora reitera que a Psicologia Educacional e Escolar foi um dos principais pilares sob o qual a Psicologia se erigiu no seu processo de autonomização e que muitas práticas iniciais da Psicologia principiaram por meio da sua relação com a Educação.

Como temos conhecido através dos estudos de Massimi e Massimi e Guedes, desde o período colonial, podemos encontrar indícios de conhecimentos psicológicos sendo aplicados em diferentes áreas e uma delas se destaca, o trabalho de educação jesuítica. No Brasil, desde a chegada dos jesuítas e da instituição de um projeto de Educação no país, pode-se verificar o uso de conhecimentos, saberes ou ideias psicológicas em interação com os processos educativos. Massimi relata que encontrou em obras, cartas e documentos históricos do período colonial referências a temas como família, desenvolvimento e aprendizagem infantis, e o papel dos jogos na educação, entre outros assuntos que mais tarde seriam objeto da Psicologia em sua relação com a Educação.

Desse modo, muito antes da influência dos estudos norte-americanos aportarem no país, assim como os conhecimentos psicológicos europeus e ingleses do século XX, podemos encontrar referências como a de Juan Luís Vives, comentador de Aristóteles que, segundo Noemy Silveira Rudolfer, em seu trabalho precursor no século XVI, na obra “De Anima et Vita”, escreve sobre Psicologia e sua relação com o ensino. A autora afirma que: Ele não podia aplicar à educação princípios psicológicos inexistentes. Nem seria possível encontrá-los numa época de transição da psicologia. Tratou de induzi-los com o alvo da aplicação em mira.

*[...] não se pode conhecer a natureza ou a origem da alma, mas apenas suas manifestações, diz ele [Vives]. É com razão, pois, que o consideram o iniciador da psicologia empírica.*

*[...] é, por conseguinte, nos elementos da psicologia de Vives que vamos encontrar os primeiros traços da psicologia educacional, na sua exposição da variedade de manifestação da alma.*

Para Cerqueira, Vives foi um dos colaboradores para a elaboração do “Ratio Studiorum”, que foi o plano geral de estudos organizado pela Ordem da Companhia de Jesus para a aplicação em todos os colégios mantidos por esta. A educação jesuíta durou de 1549 a 1759 e tinha como propósito primordial o trabalho educativo visando à catequização e instrução na fé

cristã. Em 1759, por meio das Reformas Pombalinas, ocorreu a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil. O Marquês de Pombal então instaura uma série de mudanças no sistema educacional que tinham influência das ideias iluministas e defendiam o ensino laico.

As reformas de Pombal incluíram mudanças nos “estudos menores” (primeiras letras) e nos “estudos maiores” (ligados à Universidade de Coimbra). Foram contratados professores régios, que recebiam da Coroa e, ao mesmo tempo, se submetiam a uma orientação pedagógica que incorporava os ideais iluministas. Nesse sentido, o ensino passa a ter como característica a educação por meio de aulas régias (ou avulsas) tendo a figura do professor como central no processo.

Segundo Antunes, no Período Colonial a característica principal era propiciar a educação dos indígenas e da população recém-chegada ao Brasil. Tinha-se como objetivo principal a educação de crianças de modo a “domá-las”, “moldá-las” segundo os propósitos do adulto. A autora considera que se utilizava de castigos e prêmios como meio de controle do comportamento e que é comum encontrar referências do período que tratam do cuidado com a educação moral e física dos infantes. Ela informa que Manoel Andrade Figueiredo (1670-1735), que escreveu a primeira cartilha educativa de Portugal, denominada “A Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar” (de 1722), descrevia nesta a “educação de meninos rudes”. Estes não deveriam ser tratados de forma punitiva, pois isso poderia afetar o desenvolvimento e a personalidade da criança.

Assim, explicações para o comportamento infantil tinham feições ambientalistas e empiristas, além da proposição de formas de prevenção de problemas de comportamento por meio de um sistema de monitoria e ensino. Inicia-se, assim, o uso de conhecimentos que posteriormente chamaríamos de psicológicos com fins educativos, especialmente de cunho punitivo, correcional ou adaptacionista. Os termos Pedagogia, Puericultura, Paidologia, Paidotécnica (relacionados à criança) e também Ortofrenia, Ortofrenopedia, Defectologia (relacionados à criança “defeituosa”, “deficiente” ou “retardada”) têm origem nesse tipo de pensamento adaptacionista.

Mesmo com essa origem remota, só podemos falar em uma “área” propriamente dita chamada “Psicologia Educacional” (nome inicialmente dado a esta) a partir da autonomização da Psicologia (em fins do século XIX e início do século XX). No caso do Brasil, também se tem como marco inicial a criação da profissão de psicólogos no país, em 1962. Esse campo teórico e prático tem ainda como origem a criação de instituições e associações dedicadas a esse objeto de estudo e intervenção nos primeiros anos do século XX, especialmente nos anos 1930. Entretanto, aos poucos é que foram sendo definidas as especificidades dessa que é considerada por uns uma “área”, por outros um “campo”, um “ramo” ou até uma “subdivisão” ou “subárea” da Psicologia.

Nesses primórdios a Psicologia Educacional define melhor seu objeto de interesse, suas finalidades, seus métodos de investigação e conceitos primordiais. É nítida a expressão fundante da Puericultura, quando o foco de interesse era o conhecimento do desenvolvimento infantil, e também da Ortofrenia, quando o objetivo era trabalhar as questões das crianças ditas “anormais”. Também se observa a presença da chamada Pedagogia Terapêutica, Higiene Escolar ou

Higiene Mental Escolar, quando se enfatizavam os métodos de intervenção médico-curativos e clínicos para resolver os chamados “problemas das crianças”.

Essas referências iniciais da Psicologia Educacional tinham relação com a crescente onda do movimento de Higiene Mental ou higienista que se tornou expressivo no país no início e meados do século XX. Também foram influências iniciais a expansão do movimento psicométrico, da Psicanálise e da Psicologia Infantil (Puericultura) ou Pedagogia Terapêutica, como era chamada.

A Psicologia Educacional no Brasil, em seus primórdios, abarcava teoria e prática e estava relacionada sobretudo à disciplina “Psicologia Educacional” dos cursos Normais, que utilizava trabalhos empíricos realizados em Laboratórios de Psicologia, durante muito tempo relacionados ao movimento psicométrico, higienista e influência da Psicologia Infantil. Usavam-se como sinônimos de Psicologia Educacional, com essa configuração, os termos Psicologia na Educação, Psicologia da Educação, Psicologia aplicada à Educação e Psicologia Experimental. Geralmente a expressão “Psicologia Educacional” era mais utilizada por ser a nomenclatura das disciplinas ministradas nos cursos Normais e esta abarcava as demais como conteúdos. Segundo Mello “Em 1931 uma disciplina psicológica é introduzida, pela primeira vez, no currículo de um curso universitário, o nome que recebe - Psicologia Aplicada aos Problemas da Educação - dá indícios do caráter que se queria atribuir ao curso”.

Essa disciplina era oferecida no curso de aperfeiçoamento pedagógico do Instituto Pedagógico de São Paulo (curso para professores), e sabe-se que existiam disciplinas anteriores que tinham terminologias parecidas também em outros estados. Outras nomenclaturas relacionadas eram Psicologia Pedagógica, Pedagogia Científica, Psicologia Experimental.

Em algumas obras dos anos de 1920 e 1930, que analisamos, encontra-se a nomeação Biologia Educacional e Biotipologia Educacional, que traziam conhecimentos do campo biológico e também psicológico. Essas denominações nos informam o quanto a relação entre Psicologia e Educação era constitutiva, tanto de um quanto de outro desses campos de conhecimento. Também nos comunica sobre a relação inicial da Psicologia com a pesquisa empírica, fisiológica e biológica, a partir das expressões experimental, fisiológica e biológica. Aqui começa a se estabelecer outra grande influência além das anteriormente citadas - o conhecimento biológico e fisiológico, do campo médico, que trouxe a “biologização” dos fenômenos escolares, algo largamente criticado nos dias atuais.

Pode-se inferir que a escolha por Psicologia da Educação ou na Educação, Psicologia Pedagógica, Biologia Educacional ou Biotipologia Educacional denotam, por um lado, que os conhecimentos psicológicos foram importantes para a constituição e consolidação desses outros campos de saberes, ao mesmo tempo em que mostram certa relação de “subjugação” de um saber ao outro. No caso, nota-se que a Psicologia estaria relacionada aos campos educacional, pedagógico ou biológico, sendo quase que um “braço” destes. Em outros termos, principia uma influência funesta de alicerçar a Psicologia em sua relação com a Educação à influência biologicista e também pedagógica nesses tempos remotos.

É possível inferir que, pelo fato de ainda não termos, naquela época, uma Psicologia como ciência e profissão, algo que foi se consolidar após a legislação que criou a profissão

de psicólogos no país (em 1962), a Psicologia e também a Psicologia Educacional ainda estavam se constituindo de forma a “tomar de empréstimo” as produções que eram realizadas em outros campos de saber (Educação, Biologia, Medicina etc.). Isso se observa inclusive nos termos usados até hoje quanto a procedimentos de intervenção como o uso da palavra anamnese e diagnóstico (de origem do campo médico).

Pode-se dizer que o objeto de interesse inicial foi se constituir em um campo de teoria e aplicação estritamente ligado à docência nas Escolas Normais e cursos de formação de professores. A Psicologia Educacional caracterizou-se, então, nesses primórdios, como ensino de Psicologia para futuros educadores, tendo a finalidade de formação e utilização de investigação e produção de saberes oriundos dos laboratórios, com vistas à compreensão dos processos educativos. Esses conhecimentos tiveram a influência, sobretudo, do movimento psicométrico e de elementos de Puericultura ou Psicologia da Criança, vindas da Europa, especialmente a partir dos estudos desenvolvidos no Instituto Jean-Jacques Rousseau (nos anos 1930). Também se destacam a forte presença da Psicanálise a partir dos anos 1940 e também do pensamento biologicista medicalizante que se traduzia à época no movimento higienista.

Em resumo, **a Psicologia Educacional teórica e prática tinha como objetivo principal diagnosticar as crianças no interior da escola quanto a sua “normalidade” ou “anormalidade” e, baseada nos experimentos e testagens, garantia-se a divisão em classes e/ou escolas especiais para atendimento de suas “necessidades especiais” se fosse o caso. Entra em cena a ideia de normatização que se acresce à de adaptação e atendimento das “anormalidades” por meio de trabalhos terapêuticos garantidos por meio da Higiene Mental Escolar.**

Essa configuração fica evidente nos primeiros serviços de atendimento psicológico do país que tiveram configuração “educacional”. Em 1938 são criados o Serviço de Saúde Escolar, que teve o médico Durval Marcondes como coordenador em São Paulo, a Seção Técnica de Ortofrenia e Higiene Mental do Departamento de Educação e Cultura do Distrito Federal no Rio de Janeiro e a Clínica de Orientação Infantil no Rio de Janeiro. Esta última tinha o médico Arthur Ramos (1903-1949) como responsável. Tanto Durval Marcondes como Artur Ramos demonstraram ter forte ligação ao pensamento psicanalítico.

Outros serviços semelhantes apareceram com igual finalidade em outros estados da Federação e pode-se afirmar que, como a Educação e a escola brasileira estavam passando naquele momento por muitas reformulações, a Psicologia veio para contribuir com a organização destas, de modo a cumprir com a finalidade “ajustatória”. Nesse momento, a marca da Psicologia do “ajustamento” e clínico-médica começava a se consolidar.

Especialmente nos anos 1930, a influência das pesquisas produzidas na Europa e nos Estados Unidos cresceu no país, e o movimento da Escola Nova começou a ter presença marcante. Sabe-se que, nesse período, historicamente o país estava passando por mudanças sociopolíticas estruturais, deixando de ser essencialmente agrário e rural para se tornar um país agroexportador, industrializado e urbano. Nesse sentido, com vistas a uma “renovação escolar”, crescia a ideia de uma nova “Educação” e também cresceram em conjunto as teorias higienistas que buscavam medidas de caráter profilático para o âmbito escolar.